

## O MAPA

Continua o Conselho Nacional de Geografia a editar o mapa do Brasil na escala de 1 por 500 mil. Já apareceram muitas folhas, e muitas ainda virão, porque o país é grande, e cada 5 quilômetros gasta um centímetro.

Não é possível olhar sem um certo carinho essas folhas. Debruço-me sobre a que mostra uma das esquinas da Pátria, onde as águas do Iguaçu entram nas do Parana e o Brasil, a Argentina e o Paraguai se encontram. Já estive aqui — e entre montanhas, mares luas e catedrais, nunca vi nada tão poderosamente belo em minha vida como a Foz do Iguaçu. Mas de que vale uma visita apressada? Fico pensando nessas povoações humildes à beira dos rios. Quase todas são ribeirinhas; um ou outro lugarejo aparece à margem de uma estrada: Kukal, Índios, Sanches...

O terreno vai subindo até os 500 metros da Serrinha do Benjamin, ou os 300 da Serra do Boi Preto. É uma rede capilar de córregos — uns têm nome de rio, outros de arroio — escorre para o sul ou para oeste.

E desde as ruínas de Gugira, lá no alto, até o hotel dos Saltos de Iguaçu, cá em baixo, nossa imaginação passeia vagabunda, parando ao acaso no pórtico de Jejuí, ou no pórtico Sol de Maio, subindo até Santa Teresinha ou entrando pelo arroio Mboi-ci. Ver a Foz do Iguaçu ou as Sete Quedas é impressionante, belo; mas o pequeno gesto sentimental seria pescar um lambari num desses corguinhos perdidos.

Gastei toda uma tarde de Florença, durante a guerra, de vara na mão, até pegar um peixinho vagabundo do Arno. Era domingo, havia quase umas cem pessoas pescando em um banco de areia, inclusive dois barbudos soldados hindus. Meu peixinho foi o terceiro que alguém pegou aquela tarde e ganhei uma gritaria alegre dos moleques, dos militares de vários países aliados, senhoras, senhoritas e cavalheiros florentinos. Não pretendo ganhar uma condecoração por causa disso — mas foi um momento de honra para o Exército Brasileiro.

Como os soldados que se divertiam no meio das crianças jogando bolas de neve, o que eu procurava não era o pobre lambari florentino: o que eu procurava, o que sempre procuramos nesse contacto com a terra e a gente, era executar os ritos mais simples da vida, como um ladrão de intimidades inocentes.

Assim vivemos o prazer triste das viagens; e esses mapas um pouco mais íntimos do Brasil nos dão uma espécie de remorso de não viver outras vidas e de saber e sentir sempre tão pouco de nosso mesmo povo.

Vão surgindo lentamente as folhas do grande mapa. E espero, com paciência, que ele um dia mostre a foz do Amarelo no Itapemirim — deste lado é a casa de "seu" Duarte, deste lado é o Centro Operário, aqui é a ponte dos Suspiros, aqui a casa onde nasci, e aqui onde cresci, aqui aprendi a ler, aqui pegava carás e camarões — pobres fatos fundamentais acontecidos num raio de duzentos metros desse ponto minúsculo que o mapa talvez registre.

Até chegar lá, marcharemos com lenta minúcia por mil povoados e morros; e talvez o pobre córrego do Amarelo — um mundo inteiro com seu túnel, seu açude, suas pedras e areias, seus peixes e seus murmúrios — não tenha léguas suficientes para entrar nesse mapa, nem como um risco pequenino perdido na vastidão do Brasil.

1914/53

R. B.

432